

EDITORIAL

Os afetos na filosofia e a dimensão filosófica dos afetos

Laura B. Moosburger¹

Gisele Batista Candido²

Organizadoras

Mais do que um tema da reflexão filosófica, o afeto quase sempre se fez presente na filosofia como constitutivo do princípio mesmo do filosofar. É este o caso da aspiração platônica, do espanto de Aristóteles, da inquietude de Pascal, do infinito anseio dos românticos – afetos que se podem chamar *filosóficos* no sentido de que mobilizam o pensamento. As vastas discussões sobre os sentimentos estéticos e morais que percorrem a história da filosofia dão igualmente notícia da importância dos afetos para o questionamento filosófico. Enquanto alguns autores relutaram em reconhecer a dignidade dos afetos, outros lhe conferiram um peso extraordinário – como os filósofos do romantismo alemão, que viram no anseio infinito (*Sehnsucht*) o princípio da filosofia; Nietzsche, que fez dos afetos a chave de sua interpretação genealógica da história da filosofia e de sua própria apreciação moral e estética da existência; Kierkegaard, com seu mergulho filosófico na angústia; Heidegger, que analisou a angústia e o tédio como tonalidades afetivas fundamentais (*Grundstimmungen*), que põem em manifesto para o homem a espessura de sua existência e finitude; Sartre, ao fazer da náusea existencial um confronto com o ser e o nada; Miguel de Unamuno, ao afirmar o sentimento trágico da vida como origem da reflexão filosófica... Cumpre mencionar, é claro, também os poetas e escritores literários que se entregaram à exploração dos afetos, como o desassossego de Fernando Pessoa, a melancolia em Georg Trakl, o *spleen* em Baudelaire, o sentimento do absurdo em Kafka... Assim, em vista dessa centralidade dos afetos na reflexão filosófica, o presente dossiê, *Os afetos na filosofia e a dimensão filosófica dos afetos*, contempla reflexões que privilegiem não apenas o afeto enquanto questão na filosofia, mas, especialmente, o afeto como abertura filosófica, ou ainda, a própria filosofia como possibilitada por uma abertura afetiva.

¹ Universidade de São Paulo - USP, E-mail: laurabmoos@gmail.com . Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8523-6893>

² Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, E-mail: giselebc@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7182-3192>

Fruto de um diálogo de muitos anos, que se desenvolveu em consonância com o afeto e a amizade entre as organizadoras do dossiê, a ideia de abordar esse tema contempla também o trabalho desenvolvido por elas em suas teses de doutorado. Enquanto Laura B. Moosburger em sua pesquisa debruçou-se sobre o anseio infinito (*Sehnsucht*) – âmago da filosofia romântica alemã – e a inquietude na obra do poeta Georg Trakl, Gisele B. Candido buscou explorar o desassossego pessoano como uma experiência poético-filosófica autêntica, condição existencial originária do ser humano. Considerando ainda o horizonte poético em que a filosofia surgiu e floresceu, tanto uma quanto a outra abordam em suas pesquisas a dimensão afetiva como o berço e embalo da reflexão filosófica.

Ao pensar os convidados para este dossiê, as organizadoras procuraram priorizar autores que, com contribuições relevantes e afinidade especificamente com a questão dos afetos, gentilmente compuseram este número da Aoristo com seus artigos e contribuíram com o diálogo, por diferentes visadas, sobre a presença dos afetos na filosofia. O saldo disso foi uma recolha breve, mas seleta, na qual se apresentam articulistas de cinco estados brasileiros (RN, SE, SP, RJ e PR) representando três regiões da federação, o que nos traz uma pequena amostra do quanto o tema da afetividade na filosofia está disseminado em centros de estudo de nosso país e de como se conectam. Optando pela distribuição dessa matéria em ordem alfabética, podemos, após essas considerações preliminares, passar a sua indicação:

Em “A resistência do sensível: o corpo em versos”, Ana Carolina Mondini (UFPR) procura investigar como Montaigne desenvolveu suas reflexões sobre o vínculo entre intelecto e imaginação a partir da arte. Nesse horizonte, a autora nos mostra como Montaigne articula as experiências estéticas aos afetos e à reflexão filosófica, para se esquivar das posições que separam o corpo do espírito e, assim, refletir sobre a existência humana considerando a sua integralidade orgânica.

Em “Necessidade metafísica e distanciamento social por pandemia: uma perspectiva schopenhaueriana”, Arthur Grupillo e Matheus Freitas (UFS) refletem sobre os efeitos da pandemia de COVID-19 e o distanciamento social sobre o que Schopenhauer definiu como “necessidade metafísica” - uma disposição natural do ser humano a colocar questões que ultrapassam a esfera empírica e só podem ser respondidas pela filosofia ou pela religião. Os autores questionam em que medida a pandemia teria instaurado as duas condições que, segundo Schopenhauer, são essenciais ao exercício metafísico, o espanto e a introspecção, bem como quais as consequências sociais desse exercício para a sociedade em situação de pandemia.

“Sobre a tríplice essência do amor”, do Prof. Dax Moraes (UFRN), é uma versão prévia da seção que compõe o livro *O acontecimento do amor*, que aguarda impressão (UFCSA, 2020). O livro, nas palavras do autor, aborda “o amor verdadeiro de cada um por cada um, o único verdadeiro e concreto”, e não “como abstração da moral, da religião ou da política”. A seção do livro aqui publicada parte da tese de que amor é liberdade, considerando-o por uma essência tríplice: incondicionalidade, inegociabilidade e insubstituibilidade.

A fim de refletir sobre a dimensão afetiva do discurso filosófico, que excede as fronteiras do pensamento estritamente racional, em “Philosophy and poetry: a dialogue” Gisele Batista Candido (UFRJ) propõe investigar os laços entre o discurso poético e o discurso filosófico. Considerando estrategicamente autores como Homero, Platão, Goethe, F. Schlegel e Schelling, esse ensaio procura mostrar como a filosofia recorre às experiências poéticas para ultrapassar as limitações de seu exercício mais abstrato.

Em “A defense of the romantic longing against Hegel’s critique”, Laura B. Moosburger questiona a crítica de Hegel à *Sehnsucht* romântica – o infinito anseio –, por ela explicitada como o ‘afeto fundamental’ do romantismo alemão, especialmente em Novalis e F. Schlegel. O artigo contesta alguns pressupostos da crítica de Hegel, que se basearia numa visão hierarquizante em que a pura racionalidade e o conceito seriam superiores à esfera do sentimento e da poesia, enquanto defende a importância da proposta dos autores românticos em valorizar o afeto como central para a filosofia, bem como em aproximar, a partir dessa tônica afetiva, filosofia e poesia.

O presente número de *Aoristo - International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics* é também composto por trabalhos oriundos do fluxo contínuo deste periódico. São outros artigos, ensaios, traduções e resenhas que passam a ser arrolados aqui: Kevin Liggieri, da Technische Universität Darmstadt, contribui com o artigo “Man at the centre of technology: A philosophical investigation of anthropological knowledge in man-machine-interfaces”. Neste paper, escrito originalmente em inglês, o professor alemão, examina a construção, a circulação e a transformação do conhecimento antropológico na interação homem-técnica moderna. Face a um quadro interdisciplinar que congrega filosofia da tecnologia, antropologia filosófica e história da ciência; temos aqui questionada a geração e transformação do conhecimento antropológico nas definições e interações de “homem” e “tecnologia”.

Professor da Universidade Católica de Lisboa, José Manuel Heleno assina: “A aventura: Uma filosofia”. Com este, o articulista aborda a noção de “aventura”, ensaiando sobre como ela nos faculta pensar o acontecer e como este se vê implicado a conceitos fundamentais da filosofia, como verdade e intensidade.

“A hermenêutica é um conservadorismo?” é título de artigo que responde pelo componente hermenêutico de nosso atual número. Com ele, Felipe Ribeiro analisa os termos da objeção de Habermas contra Gadamer segundo a qual sua hermenêutica conteria um conservadorismo que absolutizaria a tradição. Em seu estudo, o pesquisador da USP se esforça por apresentar a arbitrariedade da crítica habermasiana, produto da incompreensão do estatuto da noção de tradição em Gadamer.

Jorge Acevedo Guerra contribui com o presente número ao oferecer sua tradução do “Prólogo” de François Fédier aos *Cadernos negros*, de Heidegger. Tal prefácio, concernente às “Reflexões II-IV, (1931-38)”, é útil ao esclarecer o leitor do lugar paradigmático desses escritos de Heidegger no âmbito de suas *Obras completas*, constituindo crítica lúcida ao seu conteúdo polêmico. A hábil tradução ao castelhano assinada pelo professor da Universidad de Chile é estabelecida a partir da edição francesa dos *Cahiers noirs* (Gallimard, 2018) e tem sua publicação generosamente consentida pelo próprio Fédier, a quem agradecemos.

A outra tradução consignada neste número também envolve o universo heideggeriano, trata-se de “O conceito de tempo”, conferência proferida pelo filósofo alemão Martin Heidegger em 1924 na Sociedade Teológica de Marburgo. Esta é peça importante àqueles que estudam o fenômeno do tempo no assim chamado “primeiro Heidegger”, já que esboça uma compreensão do conceito, justamente nos anos em que o filósofo elabora *Ser e tempo*. A transposição desse texto ao português está disponível no Brasil desde o ano de 1997, editada pelos *Cadernos de Tradução da USP*, com autoria do Prof. Marco Aurélio Werle. Embora seja até hoje uma fonte usada com proveito por pesquisadores lusófonos, com o passar dos anos seu acesso tornou-se escasso, o que justifica uma reedição. Com retoques mínimos de estilo e atualizado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (2006), o texto de “O conceito de tempo”, de M. Heidegger, é oportunamente reentregue ao público filosófico continuando seu útil serviço de difusão da obra do filósofo alemão em língua portuguesa e de emulação das pesquisas sobre o tema do tempo.

Na seção de resenhas, encerrando nosso número, temos o escrito de Paula F. Goulart sobre a edição brasileira de “No enxame: Perspectivas do digital” (Vozes, 2019), de Byung-Chul Han. Com tal recensão, a pesquisadora da UNB passa em revista aquele ensaio sobre o digital para o qual a hiperexposição na era da informação, a perda da privacidade nas redes sociais, a conversão da representatividade sócio-político em imagem e, por fim, como as relações entre indivíduos (e mesmo entre cidadãos) são transformadas em relações de consumo, são questões candentes. Cumprindo seu papel de informar sobre a edição brasileira do livro de Han, a resenha nos oferece um vislumbre da atualidade desses temas e do quanto esses teriam a se beneficiar com a abordagem da fenomenologia e da hermenêutica.